

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
CAMPUS URUGUAIANA
FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS
CURSO DE HISTÓRIA

BHÁRBARA CECCON

**D.Pedro III –
do Império das circunstâncias para a República dos fatos**

URUGUAIANA
2010

BHÁRBARA CECCON DE MELO

**D.Pedro III –
do Império das circunstâncias para a República dos fatos**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – campus Uruguaiana departamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Orientadora: Dr^a. Marilene Ribeiro

Uruguaiana
2010

BHÁRBARA CECCON DE MELO

**D.Pedro III –
do Império das circunstâncias para a República dos fatos**

Dissertação apresentada como requisito para a obtenção do grau de Licenciatura em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – campus Uruguaiana departamento da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a: Maria de Lurdes Brondani Dávila - PUCRS

Prof.^a: Sandra Cadore - PUCRS

Dedico este trabalho a minha mãe que sempre esteve ao meu lado, que se alegrou com minhas conquistas acadêmicas, que vivenciou cada momento da minha caminhada e que, principalmente, mostrou-me o caminho a seguir com seu exemplo. Acima de tudo dedico este trabalho a ti, por ter feito de mim a tua vida, sem muitas vezes ter alguma recompensa. Te amo!

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a minha mãe pelo esforço e dedicação durante minha graduação e principalmente em minha vida. Depois a família que muito me incentivou para que obtivesse esta graduação

Agradeço também aos meus mestres, em especial a minha orientadora Dr.^a Marilene da Cunha Ribeiro que muito contribuiu para a organização deste trabalho.

E aos meus colegas que durante todo o curso estiveram ao meu lado, mesmo em pensamentos, e especialmente a Magda Garcia que muito opinou, incentivou-me e compreendeu-me sempre para um melhor aproveitamento.

“Somos todos meio neuróticos.”

Van Gogh

RESUMO

Este trabalho tem como finalidade apresentar as justificativas apresentadas sobre a insanidade do príncipe Pedro Augusto de Bragança Saxe e Coburgo, filho de princesa Leopoldina e neto primogênito do último imperador do Brasil, D. Pedro II, seriamente agravados após a Proclamação da República do Brasil; onde sua campanha de subida ao trono brasileiro foi encerrada, pois a família real seria exilada na Europa.

O príncipe que durante sua infância perdera a mãe foi criado pelos avós nos trópicos e preparado para substituir o imperador brasileiro, já que sua tia, princesa Isabel – primeira na linha de sucessão – não tinha filhos – sério problema enfrentado pela casa imperial, já que o imperador tivera dois filhos homens que morreram ainda crianças e tendo até então apenas um neto.

Com a insanidade agravada com o exílio, porém sendo este o único motivo do problema – herança genética e constantes perdas – o príncipe foi internado durante 41 anos no Sanatório de Tull, sendo assim esquecido pela história brasileira fazendo parte das personalidades desconhecidas.

Durante este longo período de internação foi tratado por diversos médicos e neurologistas, entre eles Sigmund Freud – pai da psiquiatria.

Este trabalho também compreende, os principais acontecimentos do fim do regime monárquico no único país de colonização portuguesa da América, juntamente com os fatos que contribuíram para a Proclamação da República.

Palavras-chave: Império. República. Insanidade. Família Real.

ABSTRACT

This work has the objective of presenting the reasons for the insanity of Prince Pedro Augusto de Bragança Saxe e Coburgo, Princess Leopoldina's son and firstborn grandson of Dom Pedro II, the last emperor of Brazil. Such problems were aggravated after the Declaration of Republic in Brazil, when his campaign for the Brazilian throne came to an end, since the Royal Family would then be exiled to Europe.

The prince, who had lost his mother during his childhood, had been raised by their grandparents in the tropics, and was prepared to be the emperor, since his aunt, Princess Isabel - the first in the line of succession to the throne - had no sons - a serious problem to be faced by the Imperial House, since the Emperor had had two sons who died while they were still children and only one grandson up to that moment.

With his insanity aggravated by the exile, even though this wasn't the only reason of his illness - the genetic heritage and constant losses also accounted for it - the Prince was committed for 41 years at the Tulln Asylum, thus being forgotten by Brazilian history, making part of the group of unknown personalities.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NASCE UM VARÃO	10
3 FORMAÇÃO DO FUTURO IMPERADOR DOS TRÓPICOS.....	16
4 O INÍCIO DO FIM	25
5 PROCLAMADA A REPÚBLICA DOS FATOS	32
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS - FIM DO IMPÉRIO DAS CIRCUNSTÂNCIAS.....	37
REFERÊNCIAS.....	44
ANEXOS	48

1 INTRODUÇÃO

A presente monografia analisa o período do fim do Império e início da República brasileira (1850 – 1934), refletindo sobre os fatos que contribuíram para que esta troca de regime político ocorresse, mudando drasticamente a história do único país de colonização portuguesa das Américas.

Em especial há uma análise da vida particular do príncipe Pedro Augusto – neto primogênito do último imperador brasileiro, D. Pedro II – que vivenciou esta mudança, afetando seu juízo mental, prejudicando-o para sempre. Este estudo baseia-se na preparação feita para que o príncipe tomasse o poder caso fosse necessário, pois a questão referente a sucessão do trono para a família real era conturbada – o imperador tivera filhos homens que morreram durante sua infância e sua primeira filha não tinha herdeiros. Porém, quando o príncipe é deixado de lado na corrida pelo III Reinado sofre terríveis problemas mentais embora com a Proclamação da República saiba que o retorno ao Império seria improvável.

2 NASCE UM VARÃO

Aos dezenove dias de março de 1866, nasce Pedro de Alcântara Augusto Luís Maria Miguel Gabriel Rafael Gonzaga, conhecido como Pedro Augusto, primeiro neto do imperador do Brasil, D. Pedro II, provável sucessor do trono nos trópicos e filho de Leopoldina de Bragança e do Alm. D. Luis Augusto Maria de Eudes.

Seu nascimento foi festejado, menos pela princesa Isabel que passa a ter mais ciúmes de sua irmã, havia uma falta de herdeiros varões por conta da morte dos filhos do imperador enquanto crianças. Com quase um mês foi batizado na Capela Imperial tendo como padrinhos o Imperador Pedro II e a rainha Maria Amélia de Bourbon-Nápoles (França) representada por Teresa Cristina, imperatriz.

Porém, antes de seu nascimento, o Brasil iniciou grandes mudanças: primeiramente com o crescimento do cultivo do café no Rio de Janeiro e em São Paulo, especialmente no Vale do Parnaíba, fazendo com que em poucos anos o Brasil se tornasse o maior produtor em escala mundial; o fim do tráfico negreiro em 1850 a partir de Lei Eusébio de Queirós .

Foi então, que começa uma ação mais direta, pois antes havia apenas leis que não eram cumpridas, uma vez que não havia um debate aberto em relação a este assunto, porque provocava grandes repercussões, fez com que os produtores repassassem os investimentos para a criação de indústrias no país protegidas pelas tarifas Alves Branco¹ resultando em um surto industrial no Brasil imperial gerando um otimismo no governo de D. Pedro II.

Outra mudança significativa ocorrida no Brasil antes do nascimento do “Príncipe democrata”, foi o envolvimento do Brasil na Guerra do Paraguai e seus resultados em 1864. Sua origem tem dois tipos: internas e externas.

As causas internas, dizem respeito ao embate travado no Uruguai entre dominantes locais, denominados Blancos² e Colorados³, onde os primeiros eram acusados do roubo de gado dos brasileiros moradores do país e assim provocando o envolvimento do Brasil na luta. Então, o governo do Paraguai intervém a favor do

¹ Houve um aumento nas taxas aduaneiras de 30% para produtos sem similares nacionais e 60% para os que tivessem produção no Brasil., esta medida durou até 1860.

² Partido político uruguaio de centro direita, considerado conservador, partidário de Manuel Oribe e vinculados com a terra e a pecuária.

³ Partido político uruguaio de centro a centro-direita, podendo ser encontradas posturas desde a social-democracia ao liberalismo, partidários de Rivera e estavam ligados ao urbanismo.

Uruguai, pois usava o mesmo como passagem para o mar através do Rio da Prata como escoamento de sua produção de erva-mate, sua ação foi de interceptar o navio brasileiro Marquês de Olinda e ocupar territórios brasileiros e argentinos, que a anos queriam anexar o Paraguai a seu território, iniciando assim a luta. Porém o Brasil e a Argentina conseguem depor o governante do Uruguai, Manuel Aguirre, fazendo com que o Partido dos Colorados tomasse o poder, tornando-se um prolongamento do governo brasileiro e assim se aliasse com o mesmo na Guerra contra o Paraguai.

As questões externas, têm como ponto chave a Inglaterra. O país do velho mundo participou decisivamente na luta, seu envolvimento deu-se no princípio e durou até o fim da guerra. A Inglaterra queria destruir o país sul-americano, pois era uma sociedade perigosa para seus interesses na América, primeiramente por conta de ser um país com ideais diferentes dos demais do sul do continente, tendo um modelo “nacionalista” de organização social; por ser fechado para as importações de matéria-prima de baixo custo e exportação; por ter um grande número de fábricas. O Paraguai era auto-sustentável economicamente, o fazia frente aos interesses ingleses.

O exército brasileiro entra na guerra muito preparada em relação aos materiais bélicos, porém, na prática mostra-se enfraquecido ao enfrentar um exército inimigo, aparentemente mais fraco, mostrando as contradições do seu próprio regime, pois seus combatentes eram homens, na maioria, retirados das ruas da capital do Império, sem nenhum preparo para o combate

Por consequência voltam do Paraguai, na sua maioria, abolicionista e republicano. O General responsável pelo exército brasileiro durante um longo período de luta armada, foi Duque de Caxias, entretanto em 1869 foi substituído pelo genro do Imperador, Conde d’Eu, pois não aceitou “caçar” Solano Lopez. A princesa Isabel fez de tudo para impedir a ida de seu marido para a guerra, mas este era um desejo dele.

O novo General do exército brasileiro deixou sua marca na história da luta, pois foi o comandante mais sanguinolento, suas ordens eram perversas contra a população do Paraguai que lutava em seus exércitos com homens, mulheres e, muitas vezes, com crianças. Os episódios tristes cometidos pelo Conde ficaram marcados na história e na memória do Brasil, principalmente dos combatentes. O Conde não tinha absoluta comoção pelos paraguaios como ressalta Chiavenato:

“...quando as mães vieram recolher as crianças feridas ou enterrar os mortos, o conde d’Eu mandou incendiar a macega.” (Chiavenato, página:167). Entretanto em pouco tempo cansou-se da guerra e queria desistir indo morar na Europa.

Assim, durante apenas um ano que comandou o exército do Império deixou sua marca criminosa fazendo com que a população tivesse receio de seus pensamentos para o futuro da nação. A maior parte dos combatentes passou a ser republicanos, pois os políticos imperiais tinham-nos substituído pela Guarda Nacional fazendo com que os mesmos, ao voltarem da guerra, construíssem uma identidade favorável ao exército, embora o ressentimento dos militares para com o Império não seja somente da Guerra do Paraguai era também do seu abandono. Entretanto havia pouca coesão, não fazendo muita controvérsia contra o Império. Como nos mostra Priore e Venâncio:

“... Contra essa política os militares se uniram e, em razão dos sacrifícios e sofrimentos vividos nos campos de batalha, constituíram uma identidade positiva e até mesmo heróica da instituição a que serviam. É nesse contexto que surgiu o que se costuma determinar ‘oposição militar’ ao Império, elemento central, como veremos, no processo de declínio e colapso do governo monárquico inaugurado em 1822” (PRIORE, Mary Del e VENÂNCIO, Renato Pinto.O livro de Ouro da História do Brasil. Página 240)

Com isso, os resultados deixados pela Guerra do Paraguai nos países envolvidos foram muito prejudiciais, tanto que não podemos afirmar se houve um vencedor. Os países da Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai) saíram endividados pelos empréstimos contraídos durante a mesma fazendo com que por anos houvesse um déficit financeiro. Entretanto o Paraguai não saiu economicamente endividado, porém com sua população arrasada e sua economia desestabilizada, o capital inglês penetrou no único país da América Meridional que resistia a sua tirania, tornando assim o Paraguai um dos países mais pobres e subdesenvolvidos de sua região.

Após seu nascimento, o Brasil prosperava com as mudanças a partir da abolição do tráfico negreiro, porém cresciam as controvérsias entre a monarquia e a nova “classe social” que surgia, fazendo com que houvesse um declínio do II Império brasileiro perante a população a partir da década de 1870.

Logo após o batizado, a família Saxe e Coburgo seguiu para a Europa, onde o liberalismo influenciava todos os aspectos da vida, para apresentar seu herdeiro passando a morar em Turíngia, hoje Alemanha. No palácio de Coburgo, Pedro

Augusto passou sua infância aos cuidados pessoais da mãe, costume dos Saxe, que sonhavam ver um descendente seu no império americano.

Embora longe dos trópicos, a princesa Leopoldina mantinha-se informada das decisões do Brasil por cartas enviadas e respondidas por sua irmã princesa Isabel, onde preocupam-se mutuamente com a guerra tanto do Paraguai quanto da Europa. Também onde contava seu dia-a-dia e as peripécias de Pedro Malasartes que com um ano passa a dar seus primeiros palavreados em um pot-pourri de línguas passando também a dar seus primeiros passos.

Em 1867, a princesa Leopoldina volta a morar no Brasil com seu marido e seu primogênito; já chega ao país grávida de seu segundo filho, Augusto Leopoldo, passando a morar no Palácio Leopoldina. Quando começa a preocupar-se com a esterilidade de Isabel que seria a sucessora do trono do Brasil conforme a Legislação, Isabel não demonstrava ter alguns ciúmes da irmã tão fértil, tanto que até mesmo o conde d'Eu se admirava. As irmãs em cartas sempre comentam de Pedro Augusto dizendo que sempre está gordo e com muitos cachos, sendo tratado como futuro imperador do Brasil.

Em 1869, Leopoldina engravida novamente de seu terceiro filho, José. Mesmo ano que termina a guerra onde para a família real o conde d'Eu tinha saído vitorioso por ter comandado o exército brasileiro, o que servia para esconder o fracasso da paternidade já que a outra princesa estava em seu terceiro filho, isso era uma cobrança silenciosa, sendo assim o conde tentava mostrar suas outras habilidades, na guerra, porém, não foi de muita serventia.

Em agosto de 1870, a família Saxe e Coburgo volta para a Europa, quando a princesa Leopoldina descobre estar grávida novamente, de seu quarto filho, segue escrevendo para sua irmã onde lhe conta ser ela e seu marido os padrinhos de Luis e que Pedro era muito teimoso, raivoso, muito parecido com o avô, tanto fisicamente como de gênio, e que já sabe ler e escrever em alemão e português. Era quando iniciara a Guerra entre a França e a Prússia. Pedro e Leopoldina começam a sofrer de vômitos e diarréias não percebendo ser da água contaminada da guerra próxima a região de sua moradia.

Pedro foi tratar-se em Viena, já Leopoldina passara a ter mal estar, febre alta com delírios, crises convulsivas e coma. Assim, em 7 de fevereiro de 1871, a princesa do Brasil que tinha dado o primeiro neto para o Imperador morre na

Europa, vítima da febre tifoide com 23 anos, seu marido, seus filhos e todo o Brasil sofrem a sua morte tão breve, abalando a família imperial.

Com isso, o imperador aproveita e vai até a Europa chorar a morte de sua filha caçula, em maio de 1871, quando o mesmo traz seus dois netos mais velhos para morar no Brasil e serem educados para assumir o trono, chegando ao Rio de Janeiro em abril de 1872. Então Pedro Augusto passa a querer agradecer a todos, pois sentia-se culpado pelo afastamento de sua família, ele e seu irmão sentem a diferença da Europa para a América onde havia grandes lavouras e pequenas cidades. Outra mudança drástica em suas vidas foi a de ter que agir e vestir-se como velhos, sem brincados e brincadeiras sendo tratado como futuro imperador do Brasil.

“Os pequenos também tinham visto a sua existência ficar em pedaços. Longe dos manos, definitivamente separados da mãe, se preparavam, sem saber, para um longo exílio. A orfandade não lhe roubava apenas Leopoldina, mas toda uma cultura européia na qual tinham sido embalados...Transportados aos trópicos, iam ganhar uma nova família, num mundo novo. Um mundo ainda atrasado que tudo separava da Europa” (PRIORE, Mary Del. O príncipe maldito. Página 67)

Com o fim da Guerra do Paraguai, os políticos que antes a utilizavam como pretexto para fugir da abolição da escravatura, tiveram que voltar a discuti-la e assim aprovar novas leis como a da Lei do Ventre Livre que dava a liberdade para os filhos de escravas nascidos desde então, visto que para não abalar a sociedade e a economia do país procurava-se medidas conciliatórias que aos poucos tornasse o Brasil livre da escravidão, assim foram aprovadas diversas leis para que não se abalassem as estruturas.

Após três anos no Brasil, agora com 9 anos, Pedro Augusto é matriculado no Colégio Pedro II, residindo desde então no internato, criado em 1859. A escola tinha alicerces franceses e cada aluno tinha uma coleção, moda vinda da Europa, Pedro Augusto logo percebeu seu gosto pelas pedras e passou a colecioná-las e escondê-las, na vida adulta o hobby tornar-se-ia uma fixação, com uma análise até mesmo de Freud, que diz:

“...Mas como demonstraria Freud, poucos anos mais tarde, colecionar não era só alimentar o fetichismo da mercadoria, tão comum numa sociedade burguesa. Era uma ajuda para a aprovação de si mesmo. Um ingresso para a aprovação social. Mas era, sobretudo, uma forma de amar” (PRIORE, Mary Del. O príncipe maldito. Página 74)

Assim Pedro amava as pedras imóveis porque elas jamais o trairiam, era a transferência do amor pela mãe e pela coroa para esses objetos. Agora, entretanto, o neto do imperador tinha uma vida social com crianças de sua idade passando a fazer tudo com elas.

3 FORMAÇÃO DO FUTURO IMPERADOR DOS TRÓPICOS

Os oficiais do exército que após a Guerra do Paraguai (1864-1870), foram convocados para a caça contra os escravos não se preocupavam com esta missão, pois na sua grande maioria eram recrutados nas classes médias desligadas de qualquer compromisso com a escravidão e ainda achavam este serviço humilhante, sendo contrários a escravidão.

Foram esses oficiais que na sua formação intelectual na Escola Militar receberam informações sobre o positivismo⁴, que a partir da década de 1880 fazem uma intensa divulgação da doutrina criando até mesmo igreja, e conseqüentemente em relação a República passando a apoiar os adeptos destas ideologias.

Pedro Augusto presenciou a primeira manifestação da futura forma política que iria interromper o reinado do seu avô e também fazer, com que o mesmo, não se tornasse imperador. Foi a instalação, em 1870, do Clube de Reforma que transformar-se-iam em Clube Republicano onde iria respaldar-se o Jornal “A República” datado de 3 de dezembro do mesmo ano com a publicação do manifesto republicano, que mais tarde, 1873, na Convenção de Itu fundaria o Partido Republicano Paulista (PRP) muito participativo no governo imperial elegendo deputados, este partido cresce pelo simples motivo de poder contar em seus participantes com ideais distintos, escravistas e abolicionistas.

É nesta década que ocorre a grande discórdia entre a Igreja e o Império, conhecida como “questão religiosa”. Foi quando houve a prisão de D. Vidal e D. Macedo – bispos de Belém e Salvador – por terem eles restringido as atividades da maçonaria, a resignação com o império ocorre quando o monarca, antes de sua viagem as Estados Unidos, não contesta severamente esta atitude sendo a anistia dada aos bispos considerada pequena, mesmo assim a situação não foi apaziguada.

Em meio a estas mudanças sociais, econômicas e políticas Pedro Augusto sofria, pois no ano de 1875 sua tia, a princesa Isabel, depois de tanto tentar e muitas vezes perder o herdeiro tão esperado, conseguira ficar grávida na Europa, entretanto devia voltar a terra natal para que não houvesse dúvidas sobre a

⁴ Filosofia criada por Augusto Comte, baseado no método da experiência que rejeita a idéia metafísica. Onde o Estado tem a função de manter a ordem social para haver o progresso e o mercado regula a economia. Há registros dos manifestos positivistas no Brasil desde 1844, porem somente em 1860 foi criado o primeiro jornal de cunho positivista, Ordem e progresso, no Maranhão.

nacionalidade do futuro herdeiro do trono por direito. Porém a menina, Luiza Vitória, nasceu morta. Estava aliviado, o lugar no trono ainda era seu.

No ano seguinte novamente grávida, Isabel fez vir da Europa seu obstetra, Dr. Depul; nasce Pedro, o Baby, um quase morto, pois só sobrevive ao parto quando a parteira insufla seus pulmões, trazia na deficiência do braço a permanente demonstração da dificuldade de seu nascimento.

A sucessão estava garantida e concomitantemente aumentava a frustração em Pedro Augusto, que mesmo em sua adolescência já reconhecia a diferença no tratamento por ser um provável imperador; agora não sabia como sentir algo por este menino que ao nascer apoderou-se do trono brasileiro, passando a ser reconhecido por Baby - o usurpador.

O príncipe adocece, por não poder revoltar-se contra a realidade. Esta mudança no contexto, às perdas na sua vida, principalmente, a de que não era mais o primeiro na linha de sucessão faz com que seu comportamento mude. Seu principal temor a partir de então era a morte; tinha alucinações, medo de contrair o tifo, dores de cabeça, insônia...

Essas demonstrações de desequilíbrio mental só aumentavam no ano de 1877, quando começa a discussão de uma mudança no sistema político onde seu nome não aparece, percebe um abandono. Estes distúrbios como: epilepsia, convulsões, asma ou gota, eram explicadas pelo Dr. Portal como transmissíveis; assim herdara esta genética dos Bragança que desde antes da mudança para a América sofriam com este mal.

Com a viagem de seus avôs para os Estados Unidos ficam sobre cuidados de sua tia, entretanto ela faz poucas e rápidas visitas aumentando o ódio sentido pelo príncipe e por seu irmão da princesa Isabel, que teria prometido a irmã zelar pelos sobrinhos, ficando a mesma de regente do império.

Isabel então começou sua II Regência com muita resistência por parte dos membros do gabinete e também sofria com as caricaturas feitas pelos jornais pró-republicanos, pois havia um consenso de que a princesa não reinaria, acredita-se que até mesmo o imperador não tinha fé no III Reinado. Entregou o cargo quando seu pai chegou e em 1878 ganhou seu terceiro filho, Luis, sem antes ter um aborto natural. Com o pouco caso feito por parte dos tios, o príncipe democrata apega-se ao avô, tramando interesses e intimidades; o príncipe passa a criar sua própria

biblioteca com os conselhos do Imperador, começam a ler juntos no gabinete quando o neto percebe que o velho de tudo sabia.

No ano de 1879 o então Imperador, D. Pedro II, reforma a educação estabelecendo uma liberdade de ensino, porém sujeita a fiscalização do governo com obrigatoriedade de frequência nas escolas de ensino primário, onde dever-se-ia apresentar novos programas e também permite a criação de Escolas Profissionalizantes. A partir da reforma provocada pelo Imperador, é criado em 1880 a atual Escola Normal.

Em 1881, é aprovada nova lei eleitoral onde a eleição passa a ser direta (o eleitores votam diretamente no candidato a deputado ou senador), pois no antigo sistema os “votantes de paróquia” elegiam os eleitores (1ª eleição) que por sua vez escolhiam os Deputados e Senadores (2ª eleição).

A nova lei são excluídos do sistema eleitoral os trabalhadores de repartições públicas e analfabetos, então considerados incapazes de escolher seus representantes e assim não sendo considerados cidadãos. Essa lei teria aperfeiçoado o sistema eleitoral brasileiro se não fosse a grande diminuição do colégio eleitoral. É também a partir da mesma lei que se revezam o Partido Conservador e o Liberal no poder legislativo brasileiro.

Neste mesmo início de década podemos perceber a transição na literatura do romantismo para o realismo com a publicação do livro “Memórias Póstumas de Brás Cubas” de Machado de Assis que, segundo muitos críticos, inaugurou a verdadeira literatura brasileira.

A partir do romantismo que surge uma consciência em relação à sociedade brasileira, principalmente no que diz respeito à escravidão fazendo com que haja uma percepção de que a mesma seria o motivo do Brasil não transformar-se em uma nação moderna e justa, assim temos a participação decisiva de Castro Alves no movimento abolicionista com seu livro clássico “Navio negreiro”.

Entre os autores do realismo destacam-se, além de Machado de Assis, com suas obras que mostram a realidade social brasileira fazendo uma crítica irônica, mostrando, principalmente, o adultério como em “Memórias Póstumas de Brás Cubas, Dom Casmurro e Quincas Borba”; Aluísio de Azevedo com a obra “o Cortiço” deixando claro que o homem procura satisfazer seus três instintos natos: fome, sede e sexo; Raul Pompéia com “O Ateneu” relata a promiscuidade de um colégio interno só de meninos evidenciando o homossexualismo existente entre os alunos; e por fim

Visconde de Taunay com “Inocência” onde podemos perceber claramente a transição das duas escolas literárias.

Nessas mudanças no império brasileiro que em 1882 houve o roubo das jóias imperiais que estavam guardadas no Palácio de São Cristóvão, mas quatro dias depois os suspeitos já estavam presos, foram encontradas as joias enterradas nos fundos da casa de Manuel Paiva, então ex-empregado do Paço Imperial, e de seu irmão Pedro Paiva, criado do imperador. Os suspeitos foram soltos pela benevolência do Imperador o que causou o maior alarme nos jornais da época.

Outra mudança significativa na então capital do império, Rio de Janeiro, que o futuro príncipe presenciou, foi a criação da linha férrea para o Corcovado em 1884, sendo um acontecimento importantíssimo na cidade, sendo Pereira Passos e Teixeira Soares os nomes ligados a esta empresa que promoveu a mudança na capital.

Com 15 anos o príncipe bacharelou-se em ciências e letras, quando se matricula na Escola Politécnica formando-se em Engenharia Civil, 1886. Sua dedicação aos estudos era motivo de orgulho para seus avós. Foi quando passou a escrever tratados e pequenos ensaios sobre seus estudos geológicos, passa também a corresponder-se com geólogos nacionais e internacionais, muitos da Escola de Minas e de Ouro Preto convidando a todos para conhecerem sua coleção.

Os laços entre o príncipe e o imperador só aumentavam, agora discutiam sobre greves e sonhavam com ferrovias e assistência pública para idosos e doentes, a cumplicidade era tanta que o neto dizia ser o velho seu melhor amigo, assim acredita-se que o imperador não hesitaria em fazer de Pedro Augusto seu sucessor por estar ele mais preparado para reinar que Isabel e seu marido. Porém seu avô ainda sofria com as pressões em favor da abolição, mas nunca demonstrando suas verdadeiras ideologias sobre o assunto. Situação analisada por Priore:

“... os diplomatas consideravam que D. Pedro era abolicionista em conversa com estrangeiros, e escravocrata em conversa com compatriotas, principalmente os fazendeiros. Engajara-se, portanto. Mas se engajara a sua maneira. De longe. Tanto que decidira dar as costas ao país, partindo em segunda viagem à Europa...” (PRIORE, Mary Del. O príncipe maldito. Página 71)

Embora Pedro Augusto soubesse que suas chances de subir ao trono eram pequenas, se alegrava ao ver nos jornais a forma com que se tratava a princesa e

seu marido estrangeiro e como o imperador tinha por ele um apreço imenso, tanto que comentava com todos sobre o príncipe. Porém o imperador preocupava-se com o crescimento do ideal republicano, a baixa popularidade de seus sucessores por direito, assim pensava em um golpe na monarquia ou ainda uma abdicação da princesa Isabel e de seu filho, pois o país precisava de um príncipe preparado, não sendo este o caso do Conde d'Eu.

Em 1885 o Parlamento votou a Lei do Sexagenário ou Lei Saraiva-Cotegipe, onde os escravos com mais de 65 anos de idade eram considerados libertos, embora esses fossem considerados de pouco rendimento para o serviço braçal, os senhores dos mesmos resistiram a Lei enviada ao Parlamento em 1884 e somente aprovada no ano seguinte.

O príncipe distribuía presentes, uma forma de agradar ou demonstrar poder em uma burguesia consumista que necessitava deste apreço, também ornamentava o paço Leopoldina. O pai protestava com o avô por permitir que o príncipe gastasse tanto. Outra forma de demonstrar ser agradável era jamais dizer não, até mesmo para a tia tão detestada.

Havia em torno do neto predileto do imperador uma corte que o bajulava, eram: jornalistas, políticos e homens letrados. O príncipe retribuía com jantares e/ou chás da cinco, tipicamente ingleses. Tinha uma vida social intensa com bailes em clubes e sarau familiar, onde demonstrava seu conhecimento e leituras sem ser exibicionista - era tímido com as moças - porém se vestia elegantemente e com simplicidade, de igual gosto de seu avô.

Em relação a sucessão, as hipóteses ainda pairavam no ar, pois os seguidores do príncipe e muitos outros, como o imperador, acreditavam estar ele preparado para subir ao trono, representando o monarca iluminista, porque embora a princesa Isabel abdicasse ao trono em favor do filho, este era criança ainda e sofreria as influências dos pais, o que seria um problema para o país já que a mãe era carola e o pai estrangeiro, que tremia pelo gosto de todos pelo príncipe. Assim Pedro Augusto tinha o apoio de parte da Corte e do povo, porém ainda não tinha 25 anos, idade necessária para reinar.

A Gazeta da tarde denunciava que o Partido Liberal queria ter a maioria no Parlamento para que assim, com a abdicação do imperador pudessem colocar o príncipe como candidato a sucessão, fazendo com que o país não continuasse aos

pés da Igreja, porém, as pretensões do príncipe conspirador eram discutidas no Parlamento, tanto por liberais quanto por conservadores.

Este conflito na família imperial passou a ser usado pelos republicanos para mostrar as mudanças políticas necessárias no país. Estava iniciado o burburinho, que com as correspondências diplomáticas, dando apoio ao príncipe, só aumentavam; outra questão que fazia aumentar o assunto era em relação a abolição da escravatura, que Souza Dantas (presidente do ministério desde 1884) influenciava o “ príncipe conspirador”. Como fica clara na citação a seguir:

“Não escondia intenções. Além de reforçar uma agenda na qual o papel da Igreja católica desaparecia, procurava dar força ao abolicionismo...A idéia era lhes fazer acreditar que se a propaganda da emancipação fora banida pelo imperador, o neto a abraçava. Que se o avô se omitia, o neto assumia a agenda capaz de extirpar do império a “mancha negra”. O projeto do renomado liberal previa uma espécie de reforma agrária com o assentamento de famílias de ex-escravos ao longo das ferrovias do Império...” (PRIORE, Mary Del. O príncipe maldito. Página 82)

A saúde do Imperador só piorava e a preocupação com a sucessão aumentava, ele sabia que o Conde e sua filha não aguentariam a pressão, pois os jornais republicanos só aumentavam suas críticas e as suas ideias se expandiam pelo império. Agora estava em cima do muro mais uma vez, o imperador não sabia como agir, sabia da eficiência dos Saxe e Coburgo no poder de um país e ainda o apoio que o príncipe tinha.

Então, quando o imperador caiu doente, as expectativas do príncipe e da sua pequena corte só cresceram, pois as regências da princesa haviam sido infelizes e o Conde d’Eu sabia do desgosto do Brasil por sua pessoa, então o reinado de Isabel era irrealizável.

Em julho de 1887, após a saúde do imperador demonstrar estar pior como Mota Maia, conspirador a favor de Isabel, diagnosticava com impaludismo, progressão diabética e desordem dos nervos, caso hereditário na família real, o mesmo é levado para a Europa; onde os ideais do positivismo eram vistos em todos os prédio públicos, onde o poder sindical se organizava com greves e já fora publicado , o capital de Karl Marx, com grandes capitais burguesas que estavam vivendo o auge da revolução industrial, introduzindo a luta de classes e o nacionalismo.

Nem mesmo o fato da doença fez com que os jornais perdessem tempo, em O Paíz⁵ houve a comparação do vapor que levou o imperador com um esquife que levava não um corpo embalsamado, entretanto a monarquia. Diferente da oposição foi a demonstração do povo que na saída da corte, no Palácio, o imperador foi aclamado com viva e atiradas flores em direção ao mesmo.

O Imperador logo ao sair do Palácio São Cristóvão se sentiu melhor, sentia que precisava rever a Europa e suas cidades modernas com outros ares, sem a tristeza que tinha sua vida no Rio de Janeiro e para isto levava seu predileto em quem se apoiava.

Um mês antes houve uma discussão, pois os políticos do Império diziam não ser a hora do imperador se ausentar do Brasil, pois o país estava em uma crise e suportar outra regência de Isabel parecia-lhes insuportável e para o casal era considerada tarefa difícil.

Pedro Augusto foi levado à viagem por ser considerado um entrave para a substituição do Imperador pela tia, voltaria quando o governo da mesma estivesse consolidado.

Havia a preocupação da morte do imperador, pela Constituição a coroa era de Isabel; pois conforme a lei baseada no princípio português, o primeiro filho, independente do sexo, sucederia o pai no trono, no seu caso o Conde d'Eu seria considerado Imperador porque já tinha um filho com a mesma, mas não influenciaria no governo. Outro fator que a Constituição ressalta seria em relação aos títulos da Família Imperial, como nos mostra Torrês:

“A Constituição dedica todo um capítulo (o III, do Título V) á situação da Família Imperial....Assim, o herdeiro do trono tinha o título de Príncipe Imperial e o seu primogênito, o de Príncipe do Grão Pará e o tratamento de alteza imperial. Os demais receberiam o título de príncipe sem outras especificações, e o tratamento de alteza... (TORRÊS, João Camillo de Oliveira. A Democracia Coroada – Teoria Política do Império do Brasil. Página 155)

Porém, não tinha ambiente para sua posse, porque era odiada pelos republicanos, por ser a primeira na linha de sucessão e poder continuar com o Império; proprietários de escravos, pois tinha abolido a escravidão e assim provocando a utilização de outro tipo de relação servil – assalariado – principalmente

⁵ Jornal brasileiro, fundado por Quintino Bocaiúva em 1884, no Rio de Janeiro, que exerceu grande influência na campanha republicana.

a mão-de-obra do imigrantes italianos e alemães embora antes mesmo deste fato já tenha-se pensado em trocar os escravos por japoneses, porém estes tinham uma etnia muito diferente da predominante no Brasil; maçons, porque era muito ligada a Igreja preferindo até mesmo rezar do que governar o país, assim o Estado ficava ainda mais ligado a religião, ideologia não aconselhada pela Europa, então considerada como exemplo de governo; e por fim pelos intelectuais, por não ter sido preparada intelectualmente para o cargo de Imperatriz e sim para apenas ser mãe, deixando tudo nas mãos de seus ministros durante suas regências, tinha ainda a questão com Cotegipe em relação a Abolição, pois havia demitido-o por não querer abolir a escravidão tão rapidamente, preferindo o emancipacionismo – abolição gradual a partir das leis.

No entanto, a imagem que a corte e seus serviçais tentavam passar para a população, estrangeiros e para a imprensa em relação a discórdia pela sucessão era diferente do ambiente no qual viviam, pois tentava-se reconstruir os laços familiares, colocando fotos de toda a família nos cômodos do palácio; isso ocorria, principalmente, pelo silêncio que entre os membros da família o assunto causava.

A corte que acompanhava o príncipe queria colocá-lo como protagonista do processo sucessório para os europeus, assim queriam com as novidades da viagem dar novo gás para o Império brasileiro.

Também nesta viagem que surge entre seus familiares paternos um caminho para o matrimônio, então a prometida se torna Margarida de Chartres, inglesa, porém não era a única candidata. Os tios, Isabel e Conde d'Eu no Brasil, queriam este casamento o mais depressa possível, assim o príncipe não precisava retornar ao país e lutar pelo trono.

Pedro fugia do assunto, porque preferia primeiro ter o trono e depois uma esposa, mas era uma repressão sexual que trazia em seu subconsciente principalmente porque o amor não o comovia.

Esta viagem para a Europa, do Imperador com parte da corte juntamente com Pedro Augusto, fez com que os governantes da Europa, embora soubesse que o seu desejo já era passado no avançado velho continente, se deslumbrassem com o seu estudo, enquanto seu avô se derretia de orgulho, e a sua herança hereditária vinda dos Saxe e Coburgo, que tinham grande prestígio na Europa entre a nobreza; de um provável futuro imperador de um país que na América Latina permanecia monárquico diferente dos demais que eram republicanos

O “Príncipe Democrata” passa a ser admirado e preferido, a partir de então, não só por sua pequena corte que o acompanhava ou pela população que o preferia ao invés de Isabel, mas também por parte da Europa, ainda muito influente na população brasileira. Que tinha se modificado desde a sua ida, Pedro Augusto, para os trópicos agora a velocidade que comandava a vida urbana e onde havia um grande domínio das ciências.

4 O INÍCIO DO FIM

Com a viagem à Europa, além da apresentação para prováveis apoios, no golpe para a monarquia, Pedro Augusto fora estudar, se interessava principalmente por política e pelas novidades; rever familiares.

Seus principais encontros foram com os reis da Itália, da Sérvia e o príncipe de Leuchtemberg, ainda fora admirado pela rainha Vitória, da Inglaterra, que o considerava o retrato de seu marido Alberto; fez refeições com o governador da Espanha, com o rei da Bélgica, recebeu durante a viagem a Grã-Cruz da legião de Honra, maior e mais importante condecoração entre os franceses, também foi homenageado pelos portugueses com a Grã-Cruz da Ordem da Torre e da Espanha. Assim encantava o mundo. Esta admiração em relação a Pedro Augusto era estampada nos jornais Europeus.

É também nesta viagem que se dá a grande ruptura na Família Imperial, quando o príncipe diz não estar sendo bem informado pelo médico brasileiro, Mota Maia, sobre a doença do avô; este por sua vez diz ser para não alimentar esperanças no príncipe por conta da sucessão, pois o médico era a favor da princesa Isabel, e ao mesmo tempo acusava Pedro Augusto de repassar falsas informações à corte para alimentar a corrida sucessória. Foi este fato que colocou a imperatriz, Teresa Cristina, ao lado do príncipe na ‘batalha’ para a sucessão.

Enquanto isto no Brasil o exército conspirava, às escondidas, mas os altos cargos ainda eram monarquistas, principalmente nas escolas militares e tinham a opinião apoiada pelos países vizinhos, que pensavam já estar na hora de o único país de colonização portuguesa da América do Sul ser uma república, como os de colonização espanhola, tinham uma perspectiva de pan-americanismo que haviam adotado o modelo norte-americano esquecendo assim suas tradições.

Estes republicanos brasileiros preferiam a morte do imperador para a proclamação da república, pois havia um grande respeito e admiração em relação ao monarca, preferindo uma transição lenta e pacífica do império para a república.

A questão da sucessão não envolvia somente as viagens do imperador, mas a regência de Isabel, o estrangeirismo do conde d’Eu, e também em a dedicação, cada vez maior, por parte do monarca para assuntos que não condiziam com a política brasileira, tais como: estudos de línguas extintas ou mesmo do guarani; ou ainda a dedicação a maçonaria, de desgosto da Igreja.

Em torno da ideia abolicionista existia três grupos distintos: emancipacionistas, queriam a abolição gradual com leis o que faria a economia não sofrer severas rupturas (o que estava ocorrendo no Brasil que com a gradativa diminuição dos escravos fazer-se-ia a abolição, esperava-se isto para 1899) ; abolicionistas, queriam a libertação imediata dos escravos; e os escravistas, que defendiam o sistema que estava no país ou ainda que se houvesse a abolição também haveria a indenização.

O imperador era adepto da ideia dos emancipacionistas tanto que em entrevista para um jornalista argentino, Hector Varella, reescreve as palavras do imperador:

“Crê que haja no Brasil que deseje mais a abolição mais ardentemente do que eu? Nenhum; e os mesmos a saberem como eu penso são os que estão à frente do belo movimento da emancipação” (TÁVORA, Araken. Pedro II através da caricaturas, pág. 113)

Entretanto, o imperador preocupava-se com a economia do país, que estava apoiada, principalmente, na lavoura dependente do braço escravo. Como enfatiza Távora:

“Alguns me atacam com tão clara injustiça, crendo que eu retarde a hora mais feliz do meu reinado, aquela em que pudesse anunciar ao mundo que já não existe um só escravo em minha pátria e que o último desses desgraçados é tão livre como eu... Mas a abolição imediata, hoje, agora, não se poderia decretar senão consultando as nobres e generosas impressões do coração, de que participamos todos. Há que prepará-la, para que a liberdade repentina concedida aos escravos não fira profundamente grandes interesses, que devem ser respeitados.” (TÁVORA, Araken. Pedro II através da caricaturas, pág. 119)

Antes mesmo da abolição da escravatura no país, algumas províncias já haviam feito este ato em seus territórios, como foi na região do Norte, representantes da economia extrativista; Amazonas e Ceará.

Percebe-se neste momento a pressão feita pelas nações capitalistas, primeiramente, pela Inglaterra que buscava mercado para seus produtos industrializados porem utilizava o discurso de humanitarismo.

Os adeptos dessa ideia também estão os novos burgueses, que a partir da abolição do tráfico negreiro tornam-se industriais, não queriam mais ver em suas lavouras o trabalho servil, porém não havia como ocorrer esta modificação

imediatamente. Havia ainda os quilombos, uma luta permanente contra a escravidão, que a cada dia ganhava mais adeptos.

A abolição era somente uma questão de tempo, porém com a viagem do Imperador, a regência de Isabel e a troca de Cotegipe, conservador, por João Alfredo, liberal, na presidência do Conselho de Ministros, que só tinha como meta a liberdade dos escravos.

Tanto o Partido Liberal quanto o Conservador não faziam muita oposição um ao outro, pois os dois representavam as elites, assim não havia muitas diferenças em seus mandatos. Sabia-se que já não se poderia adiar este ato, também por Isabel nos últimos anos ter se aproximado cada vez mais dos abolicionistas moderados e por tentar usar este fato para por sua imagem a frente da sucessão.

Em 13 de maio de 1888, a princesa Isabel assina a Lei Áurea, libertando os escravos sem a devida indenização aos proprietários dos mesmos, sendo exaltada tanto nacional como internacionalmente.

No Brasil havia um medo por parte dos governantes, pois o contingente de negros antes da abolição da escravatura era maior que a população de homens livres e, assim, poderiam fazer um movimento organizado e dominar o governo como feito no Haiti.

Estes homens livres não aceitaram após a abolição trabalhar no antigo regime, nenhuma saca de café tinha sido colhida desde junho.

Com a abolição e sem a indenização, os únicos que foram gratos a ação da princesa Isabel foram os africanos e seus descendentes.

Com o medo da proclamação da república por parte dos imperialistas, o presidente do Conselho de Ministros em 7 de junho de 1889 propôs aos Deputados medidas de reforma política para que se amenizasse a vontade dos militares, foram elas: maior autonomia administrativa para as províncias, liberdade de voto, liberdade de ensino, redução das prerrogativas do conselho de Estado, mandatos limitados (não-vitalícios) no Senado, porém essas medidas não foram aprovadas pela maioria dos deputados que eram conservadores.

Entretanto o príncipe não ficava alheio a estas mudanças em sua terra natal, era informado, em cartas secretas, sem restrições de assunto; perto da volta para o Brasil com ajuda do barão de Teffé percebeu que a maioria das cartas eram de republicanos que poderiam utilizá-las para demonstrar a conspiração do príncipe enfraquecendo a monarquia e tomando o poder, pois caso o imperador viesse a

morrer o trono era da tia e qualquer conspirador seria condenado, até mesmo ele “Alteza Real”.

Foi após a Abolição que toma impulso uma ideia que vem do comandante do ministério, João Alfredo, quando este era o chefe dos ministros, a criação de uma guarda paralela ao exército que faria a proteção da família imperial. Surge então a Guarda Nacional que tem por seu criador José do Patrocínio, abolicionista e que difundiu o culto a Isabel, esta guarda era formada por ex-escravos muito agradecidos à família real por ter terminado com seu sofrimento.

O imperador piora, e o príncipe continuava sendo boicotado que o fazia sentir muito, pois para ele o avô era mais do que o imperador e sim um amigo. Havia um medo pelo retorno do príncipe em consequência de uma provável mudança política. Assim, quando da sua volta houve um recepção calorosa, como a que ocorreu quando passou a morar nos trópicos, neto primogênito e futuro Pedro III.

Ao voltar, o imperador é aclamado pela população, as boas vindas foram tão boas que até mesmo foi pintado um quadro com a imagem da chegada da família imperial: imperador, imperatriz e o neto favorito.

As manifestações de carinho eram efêmeras, nenhum partido estava tão forte quanto a monarquia. Fazia tempo que não se via tamanha comoção popular. Embora com todas estas boas vindas ao imperador os adeptos à república aumentavam após a abolição e ainda existia a questão das forças armadas.

Como no exterior o príncipe foi assediado pela imprensa, isto foi usado por seus adeptos na sucessão para demonstrar a união do grupo em torno do “candidato”. As principais demonstrações de apreço pelo príncipe foram em relação ao seu bom comportamento e demonstração de saber em relação as cortes europeias, era o orgulho da nação. Foi a mesma imprensa que não atacava o príncipe, nem mesmo os jornais que defendiam ideais republicanos. As manifestações de apoio destinado ao neto primogênito do Imperador só aumentavam.

Quando a volta do Imperador para o Brasil, foi realizada a última festa do império, usada para dar boas vindas ao comandante do navio chileno, “Almirante Cockrane”, que estava fazendo exercícios na Baía de Guanabara no Rio de Janeiro, no dia 9 de novembro de 1889.

Esta festa foi uma mostra da decadência do império brasileiro: começando pelo local da festa que deveria ser bem escolhido, pois os republicanos poderiam

utilizar a mesma para proclamar a república, assim escolheu-se a Ilha Fiscal; a data também foi tema de grandes problemas, pois primeiramente o baile havia sido marcado para o dia 19 de outubro, porém com a morte de Luís I de Portugal, sobrinho do imperador, foi adiado.

Outra questão foram os pratos que seriam servidos, chegou-se a comprar perus entretanto como o nome era sugestivo trocou-se por galinhas; os problemas enfrentados pelos convidados da corte começaram com a falta de tecidos para a confecção de seus trajes, passando pela falta de penteadeiras na cidade e terminando no precário transporte destinado para levar os mesmos para a Ilha, pensou-se que ao chegar no local os problemas tinham acabado, mas havia só um banheiro para os prováveis três mil convidados, mas nem touo foi desilusão: toda a Ilha Fiscal e o cais, contando com iluminação do percurso do continente à ilha, foi iluminado com luz elétrica.

O principal acontecimento do Baile da Ilha Fiscal é lembrado até os nossos dias, quando fala-se sobre o fim do Império, foi o fato de o Imperador ter tropeçado, no entanto não ter caído e dito que “A monarquia tropeça mas não cai”, sendo então alvo, mais uma vez, dos caricaturistas por este fato.

A festa foi regada a champagne e vinho, durando até o amanhecer do dia seguinte, entretanto a família real retirou-se após a sobremesa; na festa apenas o príncipe Pedro Augusto valsou, o restante dos convidados aproveitaram bem a festa, demonstrando como era a sociedade brasileira, sem suas máscara.

O que sobrou da festa poderia ter sido usado para o enterro dos ossos da monarquia, uma semana mais tarde destituída de ser lugar de destaque. Ao mesmo tempo no Clube Militar, os militares republicanos reuniam-se para combinar a tão desejada e esperada proclamação.

Mas os acontecimentos com os oficiais chilenos não foram somente o baile, houve ainda diversas aparições públicas com a família real, que as utilizavam para mostrar-se, foram: visitas ao Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, competições esportivas, jantar oferecido pelo príncipe Pedro Augusto, Hospital São Sebastião, entre outros.

Os descontentamentos com a monarquia vinham das mais diversas posições sociais: dos grupos conservadores pelos sérios atritos com a Igreja Católica; pela perda do apoio político dos grandes fazendeiros em virtude da abolição da escravidão por não ter sido pago as devidas indenizações, que embora a

monarquia distribuísse entre os mesmos títulos de baronato, aderiram a causa republicana sendo chamados de “republicanos de última hora”.

Os descontentamentos seguiam por parte dos grupos progressistas, que havia a crítica que a monarquia mantivera a escravidão negra no país e ainda criticavam também a ausência de iniciativas com vistas ao desenvolvimento do país; a manutenção de um regime político de castas e o voto censitário; a ausência de um sistema de ensino universal; os altos índices de analfabetismo e miséria; o afastamento do Brasil em relação aos demais países do continente americano, em virtude da incompatibilidade entre os regimes republicano e o monárquico; por parte da população pelos altos índices da inflação; os militares pois no Ministério da Guerra teriam apenas civis que eram superiores e deveriam passar a proibir a participação na imprensa e pela forma elitizada que o serviço militar adotou para promoções de cargo. Entre todos estes descontentamentos ainda estava a distância do monarca em relação às pretensões da população, o imperador nem mesmo lia mais jornais.

As caricaturas feitas do imperador durante seu reinado e, principalmente, após as suas viagens e a regência de Isabel, não eram as únicas formas de oposição, ainda havia as Sociedades Carnavalescas que eram abolicionistas e republicanas, na sua maioria; assim os carros alegóricos faziam críticas ao imperador e a política vigente.

As conspirações eram sabidas pelo poder imperial. Os adeptos de Pedro Augusto além de saberem, acreditavam que a única alternativa para os militares conspiradores seria a posse do príncipe no lugar do imperador, pois o ódio por Isabel era unânime.

Deodoro estava abatido física e moralmente, pois seus inimigos haviam sido indicados para altos postos no Ministério da Guerra, dirigindo-se para a capital do Império e reunindo-se com as maiores figuras da futura conspiração; entre eles Benjamin Constant que dizia ser o momento oportuno para o golpe, mas Deodoro era monarquista, entretanto via que o imperador não conseguiria mais governar.

Como não poderiam mais esperar, foi organizada a proclamação para 20 de novembro. Adiantado a proclamação por conta de boatos de que os comandantes republicanos seriam presos, assim os militares liderados por Benjamim Constante e Deodoro da Fonseca, que tornou-se republicano na última hora em consequência de fofocas sobre a escolha do Imperador pelo novo chefe do Conselho de Ministros

Gaspar Silveira Martins, então inimigo político desde as rivalidades do Rio Grande do Sul; proclamam a República dos Estados Unidos do Brasil em 15 de novembro de 1889 na estação Praça da Aclamação, hoje Praça da República, sem o uso da violência contra a maioria dos participantes; apenas com o Barão de Ladário que levou um tiro por recusar-se a ser preso; e destituindo tanto o imperador quanto o presidente do Conselho de Ministros. Também não houve nenhuma reação mais enérgica dos demais militares como dos políticos imperialistas que acovardaram-se ao ouvir a chegada dos reformistas na Câmara do Império.

No mesmo dia, pela tarde, é proclamada solenemente a República do Brasil na Câmara Municipal de Rio de Janeiro. Instituído o Governo Provisório com o Marechal Deodoro da Fonseca como Presidente da República e Chefe do Governo Provisório e seus colaboradores, todos membros da maçonaria, intitulados nos demais cargos.

5 PROCLAMADA A REPÚBLICA DOS FATOS

Com a chegada do imperador a capital, houve uma reunião da família real e dos adeptos da monarquia no paço da Cidade, o imperador foi recebido com as honras habituais. Os portões do palácio permaneciam fechados e o monarca estava bem calmo, pois não parecia ter compreendido a gravidade dos fatos e acreditava que no dia seguinte tudo estaria resolvido, mas a crise era grave e a indicação de Silveira Martins só piorara a situação.

Ainda tentou-se, por parte da família real, reunir os conselheiros do Estado para que tomassem uma atitude, mas as incertezas do imperador pairavam no ar novamente e nada ficou decidido. Foi ainda tentado uma contra-reforma, enviando uma carta a Deodoro, chefe da revolução, que disse que a República estava consumada e ainda acusando o conde d'Eu de ser o culpado por ter oprimido o exército.

Após a proclamação da república, o imperador recebeu uma carta entregue pessoalmente, respondida e assinada no ato, onde dava-se o banimento da família imperial do Brasil, porém sempre em um tom de respeito. Como é possível perceber na redação de Távora:

“À vista da intimação escrita, que me foi entregue hoje às 3 horas da tarde, resolvo, cedendo ao império das circunstâncias, partir, com toda a minha família, para a Europa, amanhã, deixando esta pátria de nós tão estremecida, à qual me esforcei por dar constantes testemunhos de entranhado amor e dedicação, durante quase meio século, em que empenhei o cargo de chefe de Estado. Ausentando-me, pois, eu com todas as pessoas da minha família, conservarei do Brasil a mais saudosa lembrança, fazendo ardentes votos por sua grandeza e prosperidade. D. Pedro de Alcântara” (TÁVORA, Araken. Pedro II através da caricaturas, pág. 144)

Além do exílio obrigado pelo Governo Provisório em relação à família Imperial, houve alguns auto-exilados que não aceitavam morar em seu país sem uma casa real, foram eles: o Dr. Mota Maia, médico particular do imperador; as famílias Loretto, Muritiba, Aljjezur e André Rebouças.

A partida foi fixada pelo imperador para a tarde do dia 17 de novembro, pois queriam assistir a missa das onze na Igreja do Carmo e esperar os filhos de Isabel virem de Petrópolis; porém seus planos foram mudados quando na madrugada do dia 17 de novembro o Governo Provisório comunica que a partida da família real

deveria ser imediata para que não houvesse distúrbio da ordem e o derramamento de sangue por parte da população, fazendo com que o imperador concluísse não ser a vontade do povo seu exílio e sim os novos comandantes.

O embarque é feito na calada da noite. Embora o imperador não quisesse isto para seus últimos momentos no país que tanto amou, dizendo ainda para os republicanos “ Os senhores são uns doidos!”.

O que também, preocupava a família era desembarcar no exílio sem dinheiro, onde anos mais tarde saber-se-ia que o conde d’Eu tratou logo de resolver pedindo secretamente que o Governo Provisório destinasse uma quantia para a sobrevivência dos monarca na Europa. Foi esperada a chegada dos filhos de Isabel e a partida iniciou-se.

A proclamação da república não foi um ato da população e sim das elites, pois o monarca estava em seu auge de popularidade, estes que queriam mais poder pelas transformações sociais econômicas e estruturais, dando destaque a abolição que estava em todos os conflitos políticos, assim foi apenas a representação da velha comédia política com a troca de alguns atores e de máscaras; com a “população bestializada”, frase de Aristides Lobo, que marcou a História do Brasil.

Entretanto a população sabia que a República após ser proclamada, como uma nova forma de governo, iria trazer desenvolvimentos por conta de suas ideologias e assim houve uma imediata assimilação por parte de todos. Embora a adoração ao imperador fosse grande, não houve por parte desta mesma população movimento nenhum a favor da monarquia, nos primeiros meses da república.

Com a proclamação houve diversas mudanças, como: o registro a partir da certidão de nascimento e casamento, pois no império era a Igreja que regulava os registros com o batismo e o casamento religioso; a bandeira nacional com as idéias positivistas em seu centro; a separação da Igreja e do Estado. Houve ainda a determinação que o novo governo brasileiro pagasse cinco mil contos de réis para o sustento da família imperial no exterior durante seu exílio, porém o Imperador não aceitou.

No novo contexto político imprimido pelo exército em cima da população, dever-se-ia colocar em diversos âmbitos gráficos e populares os novos símbolos nacionais, aos quais não poderia ter ligação com o antigo regime, agora desprestigiado pelo Governo Provisório. Entre as formas do novo poder político enaltecer o regime republicano estavam: as novas gravuras do papel moeda, uma

nova lista de festas e comemorações oficiais, ou seja, fazer uma releitura da história que encontrasse motivos republicanos.

No exílio, em Portugal, em 28 de dezembro do mesmo ano, morre a imperatriz D. Teresa Cristina, vítima de uma lesão cardíaca no Grande Hotel do Porto, quem D. Pedro passa chamar de “minha santa”, sua morte foi sentida pelos brasileiros como a perda da grande “mãe da pátria”.

Os familiares se aproximavam do imperador, após a morte da imperatriz, porém não entre eles mesmos. O pai do príncipe – Gusty – acompanhava o sogro, e Augusto – segundo filho de Leopoldina – fazia suas aparições ao avô e ainda Isabel que todos os dias visitava o pai.

Mas havia uma incompreensão por parte dos brasileiros e estrangeiros, a aceitação da família imperial para com o novo regime. Então voltava o assunto da sucessão e em consequência a abdicação de D. Pedro e da princesa Isabel, isto fazia Pedro Augusto animar-se.

Os ex-monarquistas agora republicanos estavam divididos – neo-republicanos e restauradores. A propaganda monarquista aumentava sobretudo entre os descontentes com o novo regime – políticos das províncias, burocratas, bacharéis e escravos. Estava sempre construídos os boatos de contra-reforma com os sebastianistas – adeptos a monarquia que queriam o seu retorno.

Foi então que o Governo Provisório tomou medidas enérgicas: violou correspondências, prendeu monarquistas, criou a censura à imprensa, afastou políticos entre outros atos que colocava o novo regime em contestação. Embora com todas estas atitudes continuavam as tentativas de contra-reforma, todavia o ex-imperador dizia não querer fazer parte destes pequenos golpes com interesse de poucos grupos.

A família imperial, após não aceitar a “pensão” disponibilizada pelos republicanos passa a ter suas economias diminuídas. Na economia feita pelos Bragança passaram de julho a agosto de 1890 na propriedade de Luisa, Condessa de Barral, que foi dama-de-companhia da imperatriz e tutora de Isabel e Leopoldina e a qual recaía os créditos de amante e único amor verdadeiro do Imperador, a quem D. Pedro II admirava muito e que prestou sempre dedicadas ações em relação a família que lhe foi tão importante.

Em 1890 é revogada a lei de exílio para os demais pertencentes a monarquia menos a família real, algo que magoa o ex-imperador que pensava retornar a seu

antigo posto de chefe de Estado. A república sofria, principalmente por conta da economia pela emissão de grandes quantidades de papel moeda.

Pedro de Alcântara em seu aniversário no ano de 1891, 66 anos, estava irreconhecível, tinha a doença tomado seu corpo e então a família real sabia que a morte se aproximara, passou o dia com a filha e os netos.

O dia fatídico foi 5 de dezembro de 1891, a morte de Pedro de Alcântara é vista pelos estrangeiros como uma terrível perda, fazendo com que seu tratamento fúnebre seja digno de um rei ainda em posse, o que provoca grandes constrangimentos no Brasil que também demonstrava profundos pesares com a morte do monarca. A partir de então a princesa Isabel passa a ser a sucessora legal do trono brasileiro, morre o ex- imperador sem entretanto abdicar de seu cargo.

Em consequência da adoração dedicada ao ex-imperador pela população brasileira, após a sua morte o contexto não é diferente. A mesma população sofre com seu falecimento e passa a cada vez mais adorá-lo e recordá-lo em suas leituras históricas, pois os novos símbolos republicanos não estavam ao alcance de sua lembrança.

Isabel, junto do marido e dos filhos, exilou-se na Normandia, Castelo D'Eu e em uma casa de campo na Boulogne-sur-Seine. Onde vem a falecer em 14 de novembro de 1921, não sendo assim possível retornar ao Brasil que por medida de seu governo passa a permitir o desembarque da família real e leva os corpos do imperador e da imperatriz para serem enterrados em seu "reino".

O mesmo destino sofre o conde d'Eu que no navio Massilia a caminho do Brasil morre em 1922. O único pertencente a família real que acompanha a nova investida é Pedro, filho do casal d'Eu, que observa entre a população uma nova consagração de heróis onde se misturam monárquicos e republicanos.

Os primeiros anos do novo regime político brasileiro sofre com várias insurreições entre elas: Revolução Federalista do Rio Grande do Sul (1893 – 1895); Guerra de Canudos no interior da Bahia (1893 – 1897); Revolta da Armada no Rio de Janeiro (setembro de 1893 - março de 1894) e por fim o atentado ao presidente Prudente de Moraes (1897).

Em 1922 ocorre a Semana da Arte Moderna onde os padrões vigentes são atacados, é nesse período também que toma forma os movimentos tenentistas. Todos estes movimentos demonstram como a república sofria dificuldades semelhantes a do império, pois não há como satisfazer a todos, mas sobrevive,

embora houvesse uma grande propaganda para a restauração do regime monárquico. Dificuldades sempre existiram e o desejo de mudança também, no entanto a república perdurou com a aceitação dos monarquistas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS - FIM DO IMPÉRIO DAS CIRCUNSTÂNCIAS

Para Pedro Augusto o choque sofrido com a proclamação da República foi muito mais devastador que para resto da família imperial, desde a morte de sua mãe estava sobre os cuidados do imperador e da imperatriz o que fazia dele o neto predileto, uma vez que estava sendo preparado pelo próprio avô para a sucessão do trono.

Os fatos ocorridos durante sua infância e adolescência no Brasil somente aumentaram estas expectativas, tanto que até o próprio príncipe manifestava-se com um tom de sucesso.

Mas a herança genética dos Bragança, que afetam principalmente os primogênitos, não o livraria, eram os sintomas de loucura e nele diagnosticado como lipemania; estado de tristeza e depressão, foi no ano de 1888 que começam os primeiros sintomas.

Quando o imperador desiste de seus planos de sucessão, para o seu neto favorito, temendo o reinado de sua filha com a influência do genro estrangeiro, conde d'Eu.

O receio por parte do imperador e dos brasileiros ocorria principalmente pelas atrocidades cometidas por ele durante seu comando das tropas brasileiras na Guerra do Paraguai, por ser considerado muito avarento e por seus negócios ilícitos; dizia-se ser dono de “casas de pensão” e/ou cortiços; não pagava salários aos empregados de suas minas; e ainda utilizar nome de terceiros em seus negócios.

O casal d'Eu sofria ainda com os comentários por parte de todos, principalmente após o nascimento de seu segundo filho, do estrangeirismo do casal, por conta de terem preferido os trabalhos de um francês no parto. Mas sabe-se que para a oposição bastava qualquer representação diferente para ganhar caráter político, em meio a tantas questões.

A princesa Isabel sabia que embora tenha assinado a lei da abolição, seu sobrinho estava na preferência ainda de muitos grupos, principalmente porque dizia-se que a mesma lei foi uma conquista dos abolicionistas, assim o príncipe ocupava um papel importante no ato, embora não tenha participado do mesmo. Isabel não imaginava que com a assinatura da lei tinha redimido a etnia e perdido o trono, pois pensara que seria adorada, o que não aconteceu.

Foram nas circunstâncias após a abolição e o retorno da Europa pelo imperador, que o príncipe solicita um cargo no exército, queria se aproximar das forças armadas, órgão tão importante na sociedade e que odiava o seu tio, conde d'Eu; o monarca não via problemas em seu neto usar farda durante atos oficiais, mas a tia percebia-os e considerava o sobrinho mimado, opinião compartilhado com seu marido.

O príncipe se mostrava, vendia sua imagem, agradava e era tratado como “o príncipe democrata”, era notícia. Nenhuma de suas manobras passou despercebida pelo velho monarca, que ao mesmo tempo sentia-se orgulhoso e preocupado.

Buscava apoios, mas tudo na descrição diferente de seu tio o que demonstrando a ‘corrida na sucessão’ magoava o ancião. Tudo isto proporcionava um conflito interno na família, onde os mais próximos tornavam-se desconhecidos.

No fim de 1888 os fatos só teriam acelerado a disputa onde os legalistas, grupo que apoiava o casal; mas havia ainda a coligação do príncipe que não se retratava. Porém estes grupos estavam alheios aos movimentos republicanos de uma reforma para troca de regime político, principalmente o que apoiava o príncipe, pois acreditavam que estes o apoiariam na construção de um governo com um presidente-monarca.

Muitos republicanos até mesmo concordavam com estas idéias, embora não as demonstrassem publicamente. Entretanto nem mesmo os partidos monárquicos acreditavam no futuro do sistema imperial.

Com a Proclamação da República, o príncipe passava a sofrer mais com os sintomas de sua doença, assim entre as diversas formas de lidar com suas crises era se isolar e até mesmo inventar casos em relação as pessoas que representavam ameaça. Estas atitudes tornam-se habituais quando as utiliza para provocar comoção em relação a sua imagem.

Sofria de depressão e melancolia, principalmente por estar sempre sozinho, reclamava de não ter uma esposa, mas sabia que a companheira perfeita viria após conquistar o trono - sem as preocupações do possível reinado - sua vida era um tédio. Ele nem mesmo foi as comemorações da lei Áurea, dizia ter sofrido ameaças de morte.

O principal fato usado pelo príncipe, antes do fim do Império, para demonstrar estas tentativas de assassinato contra ele foi o atentado à família imperial. Ao sair do Teatro de Sant'Ana, que estava com todos os seus camarotes lotados, na saída

quando todos tentaram dirigir-se à porta de saída começou a confusão: a família imperial foi retirada em meio a população mas na frente do teatro o tumulto aumentou, então a guarda reagiu e conseguiu colocar a família imperial a salvo, porém foram disparados três tiros em direção a carruagem de Pedro Augusto.

O que ocasionou comoção por parte de todos em relação a família toda. Assim foram tomadas medidas enérgicas, proibição de aglomerações tanto em lugares públicos como em particulares. Todos calaram-se: imprensa, príncipe. Isabel, imperador e, até mesmo, o povo.

Foi para que houvesse uma maior exaltação de sua personalidade que Pedro Augusto criou a Sociedade Comemorativa da Independência, da noite para o dia, onde reuniu: diplomatas, ministros, clérigos e personalidades das mais diversas classes sociais. Fez um discurso onde as glórias da Abolição não eram mais somente de Isabel. Assim se demonstrava abolicionista, liberal e, até mesmo, republicano.

Um dia antes da república que o príncipe teve a maior notícia de sua tentativa pelo trono, quando o jornal Cidade do Rio publicou a notícia “O imperador vai abdicar no dia 2 de dezembro, diziam todos” era o aniversário do imperador. Imaginava que também a princesa iria abdicar em seu favor, era notícia em todo o Rio de Janeiro, entretanto o boato era falso.

Após saber da insurreição dos militares, o príncipe pensou que, embora não tenha os fatos ocorridos como ele imaginava, tinha suas alianças no grupo republicano e estava garantido seu futuro reinado. Sabia que o império não passaria a república sem antes uma transição, que imaginava ser feita por ele já que sua tia era tão odiada; Isabel nada sabia dos negócios públicos nem da administração e como herança de seu pai não sabia dar ordens, era submissa ao francês, que cada vez mais piorava sua imagem, oportunidade bem usada por Pedro Augusto.

Mas como toda a família real não entendera muito bem os fatos que se sucediam imaginando ser apenas mais uma troca de gabinete. A princesa mandou seus filhos para Petrópolis, pois lá estariam a salvo caso houvesse lutas, caminho feito inversamente pelo imperador. A única que neste dia prenunciava o fato foi a imperatriz.

Entre os republicanos reformistas estavam muitos monarquistas que tinham, para a família imperial, traído os que tanto apoiaram quando necessário, estavam entre eles: José do Patrocínio, tão estimado pela princesa Isabel e criado a Guarda

Nacional; o próprio Deodoro, que meses antes tinha recebido do imperador a condecoração da Ordem da Rosa e que dizia ser monarquista.

A chegada de Pedro Augusto ao Paço Imperial, onde toda a família estava reunida desde a notícia do fato, deu-se somente à noite, pois este estava na companhia de seus adeptos para avaliar os acontecimentos. Quando o choro e comoção já eram de todos.

Estavam frustrados tanto neto quanto a filha e isto deixava o velho monarca muito triste, pois amava os dois, sentia a dor da filha pois sua irmã também teria conspirado contra ele para lhe roubar o trono. O príncipe queria agir em nome da coroa, começava então a discussão: o imperador não o ouvia e ainda o acusava de ter tramado a revolução junto com os conspiradores, o que Pedro Augusto negava.

Agora era acusado de ter participação, as acusações vinham também do casal de tios, o príncipe se defendia dizendo que os republicanos tentaram-no o sequestrar para que o imperador, por pressão, mudasse sua sucessão, não passava de mais um delírio do príncipe.

As discussões com os tios e o avô lhe faziam sentir algo bem familiar, o abandono, pois não estava mais protegido por familiares nem amigos, apareciam os diversos sintomas: mordidas nos dedos, palidez, balbuciar palavras com sentido obscuro e ainda a insônia.

Com a proclamação, a família real é banida do território brasileiro: a imperatriz e a princesa passam a chorar, o príncipe vê cair o seu mundo onde o III Reinado era seu único objetivo. O “príncipe monarca” leva poucas bagagens para o exílio, sente-se só e desorientado, estava muito ansioso e com sombrios pensamentos, principalmente de que durante o traslado para a Europa haveria um envenenamento de toda a família real. Com o afastamento do navio da costa brasileira também se afastava o juízo de Pedro Augusto.

Nos primeiros dias, sua estada em seu camarote foi terrível, muitas vezes passava 72 horas sem dormir, chorava muito e não aceitava os fatos, pensando que era o culpado, mas não sabendo por quê. Porém depois de algumas semanas tentou reagir, escreveu cartas então colocadas dentro de garrafas e jogadas ao mar. Ele se escondia dos demais passageiros e os tão detestados primos riam de sua insanidade. Também pensava que a qualquer hora o navio iria ser afundado.

Na chegada a Europa, o príncipe não conseguia controlar seus atos, então foi internado no Sanatório de Kiirchenwirt, onde permaneceu adormecido para

reconstruir seu estado mental, logo ao acordar era preciso que lhe ensinassem o caminho da razão novamente.

O local era para aristocratas sendo um misto de casa de repouso e hotel. A localidade escolhida foi a Alemanha, pois lá a medicina da mente era mais avançada que em outros lugares e o tratamento feito pelo príncipe fora bem diferente de muitos que lhe tentaram nos trópicos, como a existência de um espírito que possuía seu corpo como ressaltava os ensinamentos da doutrina, recém criada, espírita que tinha como principal autor Allan Kardec.

Tratado com papaverina, alcaloide do ópio, não tinha mais os terríveis sintomas de sua doença, logo poderia colocar-se no convívio familiar novamente. A família imperial se mudara de Lisboa para Coimbra. Entretanto com a morte da imperatriz, sente-se sozinho novamente, pois ela o criara e ainda apoiava-o na sucessão do trono.

Mas consegue retornar ao convívio social, entretanto em muitas ocasiões sente as sintomas, bem conhecidos e logo se isola. Para a cura do príncipe foi proposto ao ex-imperador, pelo Dr. Charcot, a hipnose – transe ligeiro, mas profundo que faria com que o paciente demonstrasse o motivo de seus problemas.

No Brasil, após a proclamação da república, os políticos monarquistas tentavam a restauração do regime mas o principal problema, tão discutido durante o império era o sucessor. As candidaturas tanto da princesa quanto de seu filho tinham a sombra do conde e ainda pairava o príncipe Saxe e Coburgo.

Logo após mais um sumiço voltava a circular na corte belga e falava em casamento, matinha-se atualizado sobre o Brasil onde concluía o pouco tempo de sobrevivência da república, porém nem mesmo seu irmão concordava com esta candidatura que o colocava em conflito com os familiares.

Pedro Augusto percebia um abandono por parte de seus aliados e o interesse repentino por seu irmão Augusto, por parte dos mesmos. Era verdade havia uma troca no candidato contra o casal d'Eu, a doença de Pedro Augusto havia espalhado-se e este já não correspondia aos movimentos de restauração. Até mesmo no exílio mentira para que todos tivessem pena dele. Freud diagnosticaria isto como psicose maníaco – depressiva recomendando muito repouso.

Foi durante o exílio, o afastamento de familiares e o contínuo isolamento que o príncipe passa a estar mais sozinho, sempre pedindo dinheiro aos amigos; passou a vender objetos pessoais, percebia o fim dos impérios na Europa, a falta de

companheiros: pai, irmão, amigos e esposa. A angústia começava a voltar. Todos se afastavam dele e ele de todos.

Agora a piora do avô, falta de notícias das manobras do irmão, o abandono pela sua pequena corte formada no Rio de Janeiro e a falta de dinheiro fazia aumentar os sintomas diziam ser o acúmulo de fluidos nos centros cerebrais, o que o tirava da 'luta' pela sucessão.

Com nenhum Bragança no páreo para restauração, tentar-se-ia uma regência com Silveira Martins ou o Almirante Saldanha da Gama, o que foi recusado. O enfraquecimento do movimento aumentou quando a família real alugou seus imóveis no Rio de Janeiro, pois sua situação financeira estava péssima. Ainda houve a questão do inventário que separou ainda mais a família, pois os filhos de Leopoldina não receberam suas devidas heranças

A morte do amigo tão querido, ex-imperador, provocava no príncipe um novo colapso nervoso e cerebral, chorava descontroladamente sendo afastado do corpo, e ainda não conseguia despedir-se do avô que tanto admirava e amava. De volta ao seu apartamento no palácio Coburgo não se movimentava e pensava pouco, seu luto era interno e consigo mesmo. Lembrava-se somente de coisas tristes: ódio dos tios, suspeita de sua virilidade e o seu estado mental.

Foi esta a questão derradeira para que o príncipe, tão diferente do pai e sozinho, passasse a pensar no suicídio – fato comum na sociedade moderna. Estes pensamentos se confirmaram quando duas notícias chegaram ao príncipe por meio dos jornais: Custódio de Melo recebera o príncipe do Grão-Pará considerando-o herdeiro do trono brasileiro, D. Pedro III e o embarque de seu irmão, Augusto, para a tão sonhada restauração no Brasil. Era tudo boato dos monarquistas, nada ocorreu na realidade.

Quando tentou, pela primeira vez o suicídio, jogando-se da janela de seu quarto, queria voar. Então foi internado no Sanatório de Tulln na Áustria como um demente incurável. Magro, pálido, com barbas e cabelos crescidos jamais desistira da ideia de assumir o trono brasileiro. Foi em 1º de setembro de 1834 que veio a falecer com 68 anos, por um ataque cardíaco.

Passaram-se 41 anos no sanatório, as velhas ideias de Pedro Augusto para a sucessão já não pairavam em sua mente, embora sempre pensasse que os monarquistas reformistas iriam buscá-lo para a então subida ao trono tão sonhada.

Entre as causas que lhe colocavam a frente estavam: seu prestígio perante a sociedade brasileira e estrangeira, a preferência do imperador e da imperatriz, seus adeptos, o ódio pelos outros candidatos por parte da população brasileira e dos países vizinhos; em contra partida houveram os motivos que lhe colocavam bem distante desta disputa: sua loucura, a linha de sucessão delimitada pela Constituição do Império e por fim a República que terminou com a monarquia e com o juízo do príncipe, colocando-o a margem da história do país que ele tanto sonhara governar.

A partir da pesquisa concluímos que Pedro Augusto, embora com todas suas cargas hereditárias e motivos, antes citados, para ter sido considerado louco não teria todos os sintomas para ser colocado em um sanatório pelo resto de sua vida.

Pedro Augusto não era louco, porém sofrera muito com a morte de sua mãe, com o choque sofrido após a Proclamação da República e principalmente pelo afastamento ou morte de seus apoios políticos, assim se fazendo refletir em seu estado psicológico.

Uma vez que havia sido preparado para este cargo, em reflexo do ato dos republicanos passou a não ter mais seu velho sonho, tão estimulado por todos. Outro fato foi o pouco estudo da psicanálise no século XIX, embora o príncipe tenha sido tratado pelo maior estudioso do assunto, Freud.

Entretanto o 'Príncipe Democrata' após ter sido colocado em sua última morada não recebeu nenhuma ajuda, em consequência não conseguiu libertar-se de seus pensamentos 'obscuros' e assim passou sua vida esperando a busca para a posse do trono.

Talvez isso pode ter sido considerado sua loucura porém, como nos mostra Van Gogh: "Somos todos meio neuróticos".

Terminando assim o Império das circunstâncias...

REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Barreto (org.). **A aventura (auto) biográfica – Teoria e empírica**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

AZEVEDO, Israel Belo de. **O prazer da produção científica**. Piracicaba: Editora Unimep, 6ª edição, 1998.

BARROS, Luisa Margarida Portugal de. **Cartas a sua Majestade (1859-1890)**. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1977.

BERNARDES, Denis. **Um Império entre Repúblicas**. São Paulo: Global Editora, 1983.

CÁCERES, Florival. **História do Brasil**. São Paulo: Moderna, 1993.

CARVALHO, Delgado de. **História da cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão da Editoração, 1994.

CHIAVENATO, Julio José. **Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai**. São Paulo: Círculo do Livro S.A., SD.

COSTA, Emília Viotti da. **A abolição**. São Paulo: Global Editora, 1982.

COTRIM, Gilberto. **História e Consciência do Brasil 2**. São Paulo: Editora Saraiva, 1992.

DEL PRIORE, Mary. **O príncipe maldito**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

_____, Mary. **Condessa de Barral**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

_____, Mary. [at all]. **500 anos de Brasil: histórias e reflexões**. São Paulo: Scipione, 1999.

DEL PRIORE, Mary e VENÂNCIO, Renato Pinto. **O Livro de Ouro da História do Brasil**

DUARTE, Paulo de Queiroz. **Os voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, volume 2, tomo IV, 1981.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2002.

FERREIRA FILHO, Arthur. **História Geral do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Editora Globo, 2ª edição, 1960.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

GAY, Cônego João Pedro. **Invasão Paraguaia**. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1980.

GOMES, Laurentino. **1808**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

HERMIDA, Borges. **História do Brasil**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, SD.

HOBBSAWM, Eric. **Tempos interessantes, uma vida no século XX**; tradução S. Duarte. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

JANOTTI, Maria de Lurdes Mônaco. **Os subversivos da República**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

_____, Maria de Lourdes M.. **A Balaiada**. São Paulo: Editora Brasiliense S. A., SD.

LEITMAN, Spencer L.. **Raízes sócio-econômicas da Guerra dos Farrapos**. Rio de Janeiro: Edições Graal, SD.

LIMA, Oliveira. **O movimento da Independência – O Império Brasileiro (1821-1889)**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 1962.

LOPEZ, Luiz Roberto. **História do Brasil Imperial**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982.

LUNA, Luiz. **O negro na luta contra a escravidão**. Rio de Janeiro: editora cátedra-mec, 1976.

MAESTRI, Mário. **Império**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.

MAGALHÃES, Cel. J. B.. **A consolidação da República**. Rio de Janeiro: Gráfica Laemmert Limitada, Volume CXVIII, SD.

MAIOR, Armando Souto. **Quebra-Quilos, lutas sociais no outono do Império**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, SD.

MARCHANT, Alexander. **Do escambo a escravidão**. São Paulo: Editora Nacional, 1980.

MICELI, Paulo. **As revoluções burguesas**. São Paulo: Atual, 1994.

MONTI, Verônica A.. **O abolicionismo -1884 – sua hora decisiva no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Martins Livraria Editora, 1985.

MOTA, Lourenço Dantas (org.). **Introdução ao Brasil, um banquete no trópico**. São Paulo: Editora SENAC, 1999.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Novos temas nas aulas de história**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

PRADO JUNIOR, Caio. **História Econômica do Brasil**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

RIO BRANCO, Miguel P. do. **Centenário da Lei do Ventre Livre**. Brasília: Conselho Federal de Cultura, 1976.

ROCHA, Manuel Carneiro da. **Diário da Companhia Naval do Paraguai – 1866**. Rio de Janeiro: Serviço de documentação da Marinha, 1999.

SALMORAL, Manuel Lucena. **Pedro II – emperador de Brasil**. Madrid: Editora Anay S.A., 1988.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As Barbas do Imperador – D. Pedro II, um monarca nos trópicos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Helio. **Nasce a República 1884-1894**. São Paulo: Copyrigt Mundial, 1998.

SILVEIRA, Rosa Maria Godoy. **Republicanism e Federalismo 1889 – 1902, um estudo da implantação da República no Brasil**. Brasília: Senado Federal, 1978.

TÁVORA, Araken. **Pedro II através de caricaturas**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1975.

TÔRRES, João Camillo de Oliveira. **A democracia coroada – Teoria Política do Império do Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Limitada, 1964.

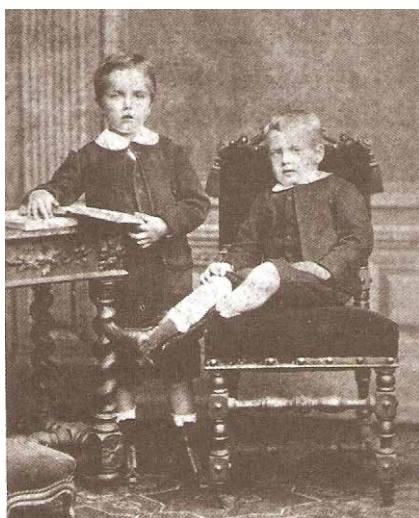
VIEIRA, Cláudio. **A História do Brasil – são outros 500**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

MARTINS, Ana Luiza. **República um outro olhar**. São Paulo: Editora Contexto, 2ª edição, 1990.

ANEXOS



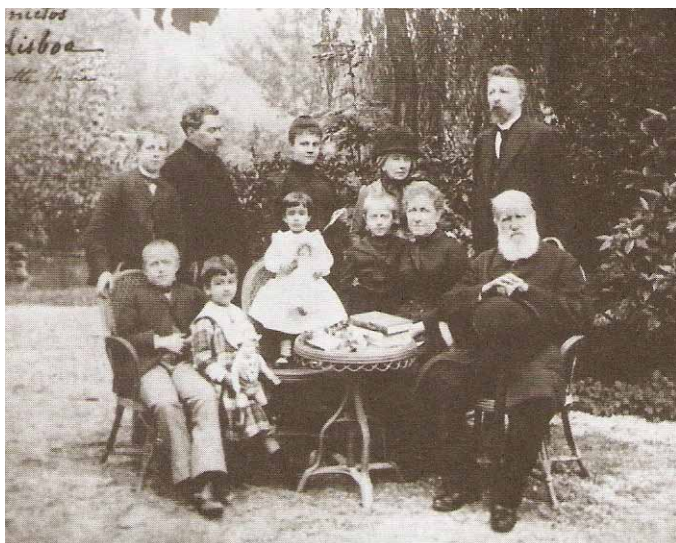
Pedro Augusto, quando criança. Imagem retirada do livro "O príncipe maldito" de Mary Del Priore.



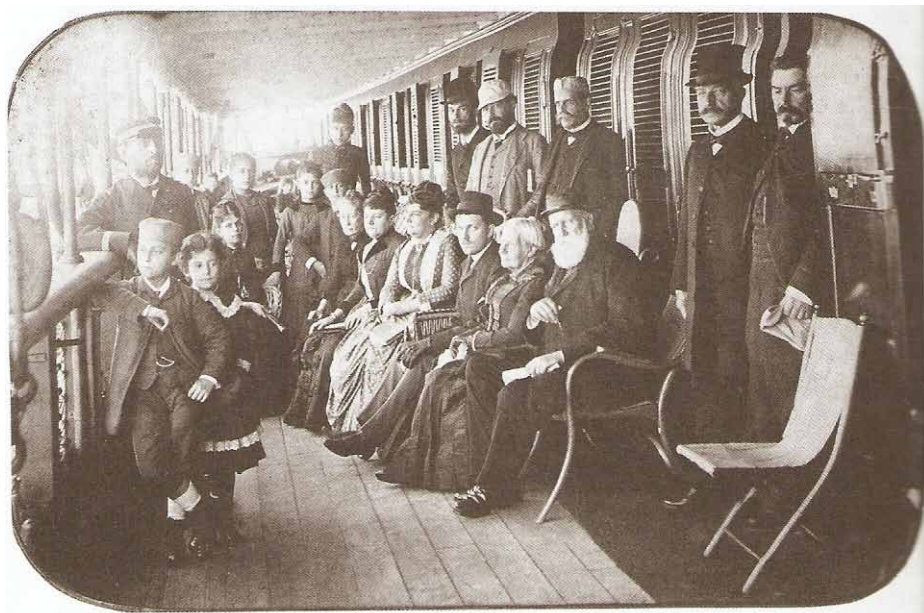
Pedro Augusto e Augusto Leopoldo, quando passaram a morar no Brasil após a morte de sua mãe, princesa Leopoldina. Imagem retirada do livro "O príncipe maldito" de Mary Del Priore.



Família real, onde podemos perceber a divisão da família para sucessão do trono. Imagem retirada do livro “O príncipe maldito” de Mary Del Priore.



A família real após o exílio na Europa quando passam uma temporada na casa de campo de condessa de Barral – França – o príncipe Pedro Augusto não estava pois havia sido internado em uma casa de repouso. Imagem retirada do livro “Condessa de Barral” de Mary Del Priore.



Imperador,
imperatriz e o príncipe Pedro Augusto em navio para a Europa quando D. Pedro II foi
tratar-se. Imagem retirada da livro "O príncipe maldito" de Mary Del Priore.